

Frank B. Wilderson III

Afropessimismo

tradução
Rogerio W. Galindo
Rosiane Correia de Freitas

todavia

Afropessimism

© Frank B. Wilderson III, 2020. Publicado originalmente por Liveright Publishing Corporation, uma divisão da W. W. Norton & Company.

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa
Estúdio Daó
preparação
Maraela Sawitzki
revisão
Eloah Pina
Erika Nogueira Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Wilderson III, Frank B. (1956-)

Afropessimismo: Frank B. Wilderson III

Título original: *Afropessimism*

Tradução: Rogério W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas
São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021
400 páginas

ISBN 978-65-5692-145-7

I. Sociologia 2. Racismo 3. Relações raciais I. Galindo, Rogério W.
II. Freitas, Rosiane Correia de II. Título

CDD 305.8

Índice para catálogo sistemático:
I. Sociologia: Racismo 305.8

todavia

Rua Luis Anhaia, 44
05433-020 São Paulo SP
T. 55 II. 3094 0500
www.todavialivros.com.br

I

- Capítulo um: Para o Halloween lavei meu rosto II
Capítulo dois: Sugando ossos de vértebras 29
Capítulo três: Hattie McDaniel está morta 67
Capítulo quatro: *Parque da Punição* 169

II

- Capítulo cinco: O problema com os humanos 219
Capítulo seis: Cuidado com as portas 261
Capítulo sete: Mario's 287
Epílogo: O novo século 347

Agradecimentos 383

Notas 387

Sugando ossos de vértebras

I

Quando tinha onze anos, eu ficava deitado, à noite, sozinho no escuro, no chão da sala ouvindo cantos gregorianos, registros fonográficos da escola de canto da minha mãe, do coro de que ela fazia parte na Basílica de Santa Maria, no centro de Minneapolis. Sozinho no escuro, eu me via dez anos depois, vestido com uma batina branca, seguido no corredor de pedras frias por dois coroinhas. O ar fresco da catedral era riscado pelo incenso. Estava úmido em Minnesota naquele verão de 1967. O Verão do Amor na costa da Califórnia era uma estação úmida e marcada pelo assédio dos mosquitos na Terra dos 10 Mil Lagos. Mas era fresco no chão, por isso eu deitava sem camisa no carpete e entregava a minha pele aos sons imponentes, sulco após sulco de ondas que cresciam, nas quais eu criava um túnel e me imaginava como um padre. *Santuário.*

Eu não era afropessimista aos onze anos e meu conhecimento sobre o que me causava tanta ansiedade era privado de um vocabulário racial crítico. Mas eu sabia que era negro; não pelos aromas de sassafrás e linguiça defumada saindo de um molho de gumbo que pairavam sobre minha casa, e sobre mais nenhuma da vizinhança, mas porque nós éramos os únicos que chamavam de pretos. Eu só passaria a ser negro no

ano seguinte, 1968, ao fazer doze anos. No escuro, aos onze, deitado no chão da sala de estar, eu sabia que era negro não em função de meus elementos culturais, mas porque aquela era a fonte da minha vergonha; uma vergonha não compartilhada pelos vizinhos. Os cantos gregorianos tremulavam no meu peito, ampliando a escuridão em catacumbas longas e ocas que se estendiam através de mim e até o outro lado onde eu me via no futuro, um futuro em que era reverenciado por meus paroquianos, ao invés de evitado, como fui na primeira série por uma menina que não segurava minha mão por medo que minha fuligem a manchasse. No túnel sonoro do meu futuro, as crianças e meus professores genuflectiam quando eu passava, levantavam e se ajoelhavam quando eu mandava, confessavam a mim seus pecados antes de serem dignos do corpo de Cristo. *Perdoai-me, Pai, pois pequei. Eu não segurava a mão dele porque a fuligem dele sairia na minha pele. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Eu o chamei de macaco quando ele escalou a corda na aula de educação física. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Entre meus dentes e meu lábio superior eu coloquei a minha língua e cocei meus sovacos quando ele desceu. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Nós rimos. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Enflamos a cara dele na neve. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Eu o chamei de "amigo" e o levei para casa para saciar a curiosidade da minha mãe. Qual é a sensação, ela perguntou, de ser negro? Perdoai-me, Pai, porque pequei. Fiz ele ficar na frente da turma e nos liderar no Juramento à Bandeira.*

Meu peito, meus braços e o carpete vinho absorviam as confissões deles como um campo de trigo imita o som da chuva. Quando vinham de New Orleans, ou do doce e pungente solo setenta quilômetros rio acima, minhas tias e meus tios me perguntavam se eu queria a luz acesa. As crianças no Sul não se aninhavam no escuro. Não, tia Joyce, quero a escuridão. Está relaxando, querido?, Sim, eu respondia, estou relaxando;

quando na verdade o que eu realmente queria dizer era, estou compondo meu hino de redenção.

Estava em repouso, mas não relaxando. Relaxamento é estar no presente, viver as cenas do presente. Quando menino, eu raramente vivia no presente. Estar no presente doía demais. Quando me dava conta, eu era o eu do futuro. O presente era a penitência, o que precisava pagar pela minha fuligem. Eu sonhava que o presente ia passar um dia. Mas eu chegava a cada ano descobrindo que o presente já havia feito as malas no caminho para me encontrar. Ele estava no saguão com a chave do meu quarto. Mesmo quando eu estava no chão de nossa sala de estar e ouvia as confissões dos pecadores do presente em suas encarnações como suplicantes do amanhã, eu sabia, em algum lugar profundo debaixo dos cantos gregorianos, que o presente sempre estaria à minha espera. No fim daquele verão, a sexta série não seria diferente do que o lento e ácido gotejar dos anos que haviam passado; outro ano me vendo pelos olhos de outros: *Nosso jovem vizinho negro. O menino Wilderson. Mais limpo do que você esperaria. Educado. Fala bem. Tem cheiro bom. Rápido demais para brigar. Não soletra muito bem. Soletra muito bem. Lê melhor do que se esperaria para a idade dele. Atrasado com a lição de casa de matemática. Pernas ruças. Lábios de gorila. Ouvi dizer que fazia xixi na cama.*

Naquele Natal passado, minha professora recomendou que eu repetisse o quinto ano. No quarto ano, disseram que eu era tão esperto que podia pular o quinto; meus pais, contudo, não gostavam da ideia de crianças pulando anos. Depois, no quinto ano, comecei a fazer xixi na cama mais vezes e minha cabeça parou de funcionar. Não conseguia acordar de manhã. Meses se passavam sem que eu entregasse uma tarefa. Naquele verão, enquanto ouvia cantos gregorianos, me maravilhava pensando como tinha conseguido sair do quinto ano. Em março procurei a professora e pedi todas as tarefas que não tinha entregado.

Ela perguntou, “Que tal tudo desde outubro?”

No feriado da Páscoa, fechei a porta do meu quarto e fiz o equivalente a seis meses de trabalhos de matemática e de tarefas de leitura em uma semana. Deixei ambos na mesa dela em abril. Ela corrigiu tudo e me deu só As e Bs. Ela precisou de uma semana para corrigir e me repreendeu por ter dado um susto nela durante o ano todo. Entendi isso como um elogio.

Se eu fosse branco, meu desempenho nos esportes e meu charme teriam me feito popular. Meus amigos também teriam sido populares. Mas meus amigos eram da terra dos brinquedos quebrados. Liam Gundersen não conseguia distinguir entre a ameaça de um urso e a ameaça de uma borboleta. Ele hiperventilava e mordida o braço quando alguém erguia a mão para ele. Seu pai e sua mãe eram da Noruega e tinham sido torturados em um campo de concentração japonês quando eram missionários na China. As crianças no parquinho se divertiam toda vez que Liam mordida os braços. Ele era o caçula de treze filhos, que tinham crescido e ido embora. Os irmãos dele tinham deixado para trás romances de Graham Greene, John le Carré e Ian Fleming. Liam e eu passávamos longas horas lendo esses livros no ático da casa dele. Nos três anos, dos onze aos treze, que passei no ático do Liam, eu não entendia aqueles livros tão bem quanto ele; eu também era incapaz de traduzir as citações simples do francês que Graham Greene deixava espalhadas pela página como dinheiro trocado. Mas Liam entendia. O pai de Oskar Nilsen era quiroprático, o que queria dizer “curandeiro” no enclave rico e branco de Kenwood, onde pais eram executivos, banqueiros, arquitetos, advogados, médicos e políticos como o senador e, pouco tempo depois, vice-presidente Walter Mondale, e Mark Dayton, um político cuja família era dona da Target e da B. Dalton Book-seller. Depois tinha Elgar Davenport, que era pequeno e roliço e via o mundo por óculos fundo de garrafa e com um olho

que passeava de um lado para outro como se estivesse perdido. Elgar era um constrangimento discreto para sua mãe, que era loira, elegante e atlética e sempre andava na frente dele. Elgar era ruivo e tinha sardas. O sr. Davenport tinha um Corvette vermelho e o emprego dele era “apostar no mercado de ações”. Achei que ia ser bacana se meu pai comprasse um carro esportivo da minha cor; mas aí, com a mesma rapidez que a ideia me ocorreu, me dei conta do lado ruim. O lado ruim de ter um carro esportivo da minha cor era algo que eu sentia sem ter palavras para expressar. Mas o conhecimento muitas vezes é mais profundo que as palavras.

Elgar Davenport, Liam Gundersen, Oskar Nilsen e eu brincávamos de agente secreto no terreno de uma mansão de pedras escuras em frente à minha casa. A casa tinha um elevador e dez quartos, segundo me disseram, embora nos dezesseis anos que morei do outro lado da rua eu jamais tenha entrado lá. Ela mudou de mãos: a certa altura uma família rica que tinha quase tantos filhos quanto quartos (embora eles fossem novos demais para brincar comigo); em outro momento, o senador Mark Dayton. Era a casa da família quando eles não estavam em Washington; e eles moraram ali até que ele virou governador e se mudou para a mansão do governo em St. Paul. Nós brincávamos de agente secreto numa parte do terreno que ficava longe da casa principal, perto de uma edícula de um quarto no fim de uma trilha de cascalhos. A mansão servia a seu propósito; era essencial para a encenação de nossos jogos de espionagem. Às vezes a casa era a embaixada soviética em um canto sombrio de Washington, D.C. Às vezes era um centro da SMERSH para treinamento de assassinos que eram preparados para matar James Bond. Nossos jogos de espionagem estavam mais para Salvador Dalí do que para Ian Fleming. Por exemplo, uma cerca baixa de arame, de um dos lados da propriedade, separava o quintal de uma mansão menor da casa dos

Dayton. Nós chamávamos essa cerca de Muro de Berlim, sem fazer nenhuma adaptação geográfica, como relocar a mansão de Washington, D.C. para Berlim. Os surrealistas que havia em nós dominavam os cartógrafos realistas.

Se não tirássemos na sorte, acabaríamos sendo quatro meninos no papel de agentes da CIA e nenhum comunista. Num dia ruim, Elgar e eu ficamos como espiões soviéticos. Liam e Oskar eram os mocinhos. A brincadeira envolvia dois soviéticos estúpidos correndo e gritando com dois americanos estúpidos que também corriam e gritavam enquanto tentavam pular a cerca baixa de arame do Muro de Berlim para voltarem ao Checkpoint Charlie antes de serem pegos pelos soviéticos.

Elgar e eu ficamos agachados atrás da edícula no fim da trilha de cascalhos. Os americanos viriam de algum lugar perto da mansão, mas nós não sabíamos de qual lado da casa. Normalmente, um dos garotos que estava no papel de mocinho servia de isca, saindo de trás de uma árvore do lado da mansão e correndo a toda velocidade em direção a uma das extremidades da cerca enquanto o outro esperava até os dois soviéticos serem atraídos para longe. Elgar e eu espiávamos detrás da edícula esperando os dois americanos. Fazíamos círculos com nossos polegares e indicadores na frente dos olhos para fingir que eram binóculos.

“Ei”, Elgar sussurrou.

“Diga”, respondi sussurrando.

“Minha mãe mandou perguntar como é ser negro.”

“Sei lá”, eu disse, menos afável.

“Como assim?”

“É bacana... eu acho.”

“Lá vêm eles!”

Oskar e Liam estavam a caminho! Nós pegamos Liam, mas Oskar conseguiu chegar ao Checkpoint Charlie no quintal dos McDermott.

Da outra vez que encontrei o Elgar, ele disse que sua mãe não gostou da minha resposta. Fiquei preocupado. Perguntei se ela estava brava. Não, ele respondeu. Perguntei se ele tinha certeza. Certeza, tenho certeza, ele disse, ela quer que você vá almoçar lá em casa. Eu disse que tudo bem, mas que tinha que pedir para a minha mãe.

Celina Davenport era visivelmente mais alta que o marido, o Elgar mais velho. Ela não tinha cabelos ruivos como Elgar Jr. nem como Elgar pai. Antes de nos sentarmos para almoçar, ela me levou até a sala de estar e me mostrou em cima da lareira os troféus de tênis que ganhou em uma faculdade que, segundo ela, era uma das “Sete Irmãs” lá na Costa Leste onde não tinha meninos. Na sua voz rouca de dry martini, ela disse que subia pelas paredes naquele lugar.

“O Elgar sabe como eu subia pelas paredes”, ela disse, bagunçando os cabelos dele. Ela nos levou para a cozinha. Eu estava tão pouco à vontade, e não sabia o *porquê*, que só ouvia a metade do que ela dizia, o que significa que só entendia a metade do que ela queria dizer. Mas tinham me ensinado que quando você não sabe o que dizer para alguém, em vez de deixar um silêncio constrangedor no ar, você faz uma pergunta. Então perguntei por que ela queria subir pelas paredes. Ela me olhou como se eu tivesse perguntado se eles comiam ração de gato no jantar. Depois riu e chamou a empregada, a sra. Szymanski, para servir o almoço. Comemos na cozinha, Celina Davenport, Elgar e eu. A sra. Szymanski colocou uma travessa de sanduíches para o Elgar e para mim. A sra. Davenport também tomou limonada, mas com um pouquinho de gim. O mais discretamente possível, levantei uma ponta do pão para dar uma olhada. Não fui discreto o suficiente.

“Alguma coisa errada com o sanduíche, Frankie?”, a sra. Davenport me perguntou.

“Ele não gosta que chamem ele assim, mãe.”

“Como você gosta que te chamem, querido?”

“Frank”, eu disse, tentando não soar bravo como o Elgar.

“A tua mãe te chama de Frankie quando te chama para dentro.”

Isso me pegou de surpresa, porque eu não sabia que ela conhecia a minha mãe. Sabia que ela tinha *ouvido falar* da minha mãe, mas os Davenport tinham assinado uma petição junto a quinhentas famílias para nos manter fora de Kenwood; e a maior parte dos vizinhos jamais falava com a minha mãe. Eu não disse nada.

Ela perguntou de novo. “Qual é o problema com o sanduíche... Frank?”

“Nada, sra. Davenport.”

“Me diga, não vou me ofender se você não gostar dos meus sanduíches.”

A ironia da frase me escapou na época, porque os sanduíches não eram *dela*, a sra. Szymanski tinha feito.

“Eu queria ver onde estava a carne para poder colocar no meio.”

A mãe do Elgar achou isso divertido. “É um sanduíche italiano: provolone, espinafre e tomate, tudo com um pouquinho de pesto. Você vai estufar se comer carne neste calor.”

“É o que a minha mãe diz”, falei. “Ela faz esses sanduíches às vezes.”

“Ah, faz?”, a sra. Davenport fez que sim com a cabeça e acendeu um Pall Mall. “Não se torture. Você não precisa comer”, disse.

Isso serviu como suspensão temporária de uma condenação à morte, até eu lembrar que a minha mãe tinha mandado eu me comportar. Dei uma mordida generosa. A náusea revirou meus intestinos enquanto eu tentava engolir. A maionese, o queijo borrachudo e os tomates ácidos, tudo combinado com aquele toque de pesto, desceram com esforço pelo meu esôfago em pedaços pastosos e mal mastigados.

Então Celina Davenport fez a pergunta que Elgar tinha me feito na edícula junto do Muro de Berlim. Numa cadeira bem na minha frente, ela bebericou a limonada com gim, deu mais uma tragada no cigarro e me olhou diretamente enquanto esperava uma resposta.

Parei de comer. (“Eu nunca contrataria alguém que põe sal na comida antes de comer.” Um dos axiomas do meu pai. “Significa que você não deve agir ou falar com pressa, Frankie. Se você não sabe a resposta, *pense*, reserve um momento para descobrir o que estão te perguntando.”) Estudei o ambiente. As cortinas de renda dela ondulavam com a brisa nas janelas da cozinha; o fogão a gás reluzente com puxadores clássicos dourados; a Frigidaire que cintilava como o Surfista Prateado da Marvel, com dispensadores na porta para você se servir de gelo e água sem abrir o aparelho, algo que eu nunca tinha visto antes; a saia branca plissada de tênis, os tênis brancos, as pernas vigorosas e o modo como ela esperava sem piscar. *Ela olha como um guarda na fronteira da Alemanha Oriental. Dê a resposta errada e você nunca vai voltar. Ela não é só uma mulher bonita que joga tênis e aquele não é só um belo par de tênis; ela tem lâminas na ponta dos tênis e vai te chutar as pernas se você esquecer o que seu pai disse e falar apressado.*

“Mãe”, disse Elgar, “eu já te contei o que ele disse.”

“Não tenho como confiar que você vai trazer o troco certo da loja, Elgar. ‘É bacana, eu acho’? Elgar, é *você* que fala assim. O pai dele é um educador.”

“Eu pretendia dizer mais”, eu falei pedindo desculpas.

“Claro que sim. O Elgar não te deu chance.”

Ela parecia feliz. Eu queria que ela continuasse assim. Todo espião sabe manter os guardas sorridentes.

Eu disse que era bom ser negro. Ela soprou mais um fino ciclone de fumaça. Ela não parecia feliz. Aí eu disse que os negros podem fazer coisas legais.

“Como o quê?” ela perguntou, mais alerta.

Eu estava confuso, por isso falei do resort Masongate no lago Gull, perto de Brainerd, em Minnesota. Disse que a minha família e várias outras famílias negras passávamos uma semana lá todo ano em agosto, pescando, andando de barco, nadando e fazendo esqui aquático. Ela sabia o que era o resort Masongate, mas algo na minha história não bateu com o que ela sabia sobre o lugar. Ela perguntou se eu estava confundindo o resort Masongate com outro lugar.

Celina Davenport se levantou e encostou na pia, de costas para a janela. Com o resto do primeiro cigarro ela acendeu outro, jogando a bituca pela janela.

“O que o Urso Smokey diria?”, Elgar perguntou alarmado.

“Um dia você vai fazer alguém uma boa esposa, Elgar”, ela disse, mas olhava para mim.

A primeira e única vez em que ela tirou os olhos de mim foi quando usou o isqueiro para acender o primeiro cigarro. Agora ela tirou os olhos de mim de novo e soltou a fumaça para o lado. Quando voltou a olhar para mim, continuava não havendo afeição no seu rosto.

Eu estava mentindo e ela sabia. Nós não ficávamos no resort Masongate; ficávamos no Twilight Loon Cabins, a três quilômetros do Masongate, do lado do lago em que havia pântanos no lugar de praias. Uma parte do lago onde não havia lanchas, nenhum grande prédio com entretenimento noturno, nada de esportes aquáticos como jet ski, nem de restaurantes elegantes que serviam peixe com batatas gratinadas. Em vez dos quartos luxuosos com ar-condicionado do Masongate, o Twilight Loon Cabins tinha cabanas para onde você levava a própria comida com portas precisando de pintura, e o som delas batendo atravessava o lago. As luzes externas ficavam tão distantes umas das outras que você precisava de uma lanterna para ir de uma cabana para a outra. Só no ano anterior, 1966, as quatro famílias negras tinham começado a levar seus filhos

para Masongate para jantar e aproveitar as atividades. Nós não ficávamos lá, no entanto, e algo me disse que a sra. Davenport sabia disso. Ela encharcou o novo cigarro debaixo da torneira.

“O pai do Elgar acha que os Twins não vão chegar na World Series este ano”, ela disse, como se falasse com alguém que não estava ali. Ela encheu um copo com água da torneira e bebeu um pouco. “Que tipo de torcedor é esse?”

Uma gosma de maionese, queijo, tomates e nervos expostos, tudo somado com a nova sensação do pesto, se agitava no meu estômago enquanto eu subia a colina apressado indo da casa do Elgar para minha. Quando cheguei nos degraus da varanda dos fundos ouvi uma canção de Dinah Washington no rádio. Havia Selos Verdes da S&H e uma caderneta para colá-los sobre a mesa da cozinha, e ao lado um livro sobre estatística para estudantes de psicologia. Minha mãe estava dando uma pausa nos estudos e colava seus selos.

“E aí?”, ela disse.

“Não tem carne nos sanduíches deles.”

Minha mãe riu e diminuiu o volume do rádio.

“Nós estamos *em* Minnesota”, ela disse, “mas nós não somos *de* Minnesota. O Bull Connor podia economizar com os cachorros se tivesse a comida daquela mulher.”

“Mãe?”

“Diga.”

“Nada.”

“Que foi?”

“Como você se sente?”

“*Sinto* que devia estar na minha varanda com um mint julep me abanando, em vez de quebrar a cabeça lendo sobre estatísticas ou lambendo selos de descontos.”

Eu não tinha me mexido.

“Por que a pergunta?” Ela estava sentada; exatamente a altura certa para me olhar nos olhos.

“Pra saber o que dizer da próxima vez.”

“Que próxima vez?”

“Da próxima vez que a sra. Davenport perguntar como eu me sinto sendo negro.”

“Não!” O rosto dela era um desejo violento. “Não, ela *não fez isso*.” Ela comprimiu as palmas das mãos contra a mesa como se estivesse prestes a se levantar e ir dar uma surra na sra. Davenport. *E depois?* Ela deve ter pensado, porque ela não levantou. *E depois?*

Ela estava aprendendo algo valioso sobre a elite branca do Norte, algo que ela não teria imaginado que era possível antes de se mudar para Kenwood: como alguém pode guerrear por procuração usando o filho de outra pessoa. Ela sabia agora qual devia ser a sensação de ser morta por um míssil teleguiado. Que tipo de mulher ia usar teu filho para te machucar? “*O bom, o belo e o verdadeiro*” era um axioma Du Boiseano de que minha mãe gostava. “Essas devem ser as nossas aspirações. E isso começa com o modo como tratamos as pessoas.” *Me provocar à distância, e usar meu filho como míssil teleguiado*; se foi isso que ela pensou quando cheguei em casa, então ela também teria lembrado à Celina Davenport que ficava lá bem dentro da cabeça como ela deixa o Elgar e todas as outras crianças dessa vizinhança à vontade quando está com eles; como sempre coloca meia bola a mais de sorvete na casquinha para eles; como faz chapéus de marinheiro vermelhos, brancos e azuis no Quatro de Julho, e acende a vela deles enquanto eles desfilam colina acima. *Mas você dá um nó no estômago do meu filho.*

Uma noite, quando eu era mais velho e praticamente morava sozinho, cheguei em casa tarde e em silêncio. Minha mãe estava sozinha no escuro, de frente para a lareira. Meu pai estava

estendido no sofá, dormindo. O brilho suave da lareira era a única luz. Ela estava enfiando agulhas em pequenas bonecas de pano, dando a elas nomes de duas colegas de trabalho brancas. “E essa aqui”, ela disse deliciada, enquanto enfiava a agulha na boneca, “eu deixo tremendo e paralisada.” Sorri e fui me deitar, sem que ela soubesse que eu tinha visto. *Ela está lúcida*, pensei, enquanto deitava na cama. *Depois de tudo que passou, ela está lúcida.*

3

Da vez seguinte que brincamos de agente secreto na mansão do outro lado da rua, perdi de novo no sorteio e fiquei como soviético.

“*De novo?*”, reclamei.

Liam Gundersen era agente soviético junto comigo; Elgar e Oskar eram agentes do MI6. Peguei Elgar no Muro de Berlim e deixei ele preso na guarita com suas paredes imaginárias de ar. Corri ao longo da cerca para ajudar Liam a pegar Oskar antes que ele atravessasse para Berlim Ocidental. Eu não tinha ido longe quando ouvi o Elgar gritar.

“Escapei!”

O corpo pequeno e roliço dele rolou por cima da cerca.

Respondi gritando, “Você está preso; você tem que ficar na guarita!”

Ele gritou, “Você não me algemou!”

Ele estava do outro lado da cerca agora, correndo pelo quintal dos McDermott, a caminho do quintal dos Tyson. Eu estava furioso.

“Não corra, seu merda!”

O cabelo vermelho dele sacudia ao vento. Ele virou o rosto com sardas e sorriu.

Meu pé esbarrou em alguma coisa sólida no chão perto da cerca. Era uma embalagem plástica de detergente Palmolive

verde-esmeralda. Eu me abaixei e peguei. O peso daquilo na minha mão era substancial porque a embalagem estava quase cheia. Agarrei a embalagem pela parte mais fina. Senti meu braço se esticar para trás. Depois o braço se lançou para a frente. De um lado até o outro a embalagem verde girou, uma hora um machado, outra hora um bastão, enquanto voava na direção do sol; a luz do meio-dia atravessou o líquido verde como um prisma, até que a embalagem desapareceu nas mandíbulas do sol. Fechei os olhos para não ficar cego.

Plop! Splat!

Os joelhos do Elgar dobraram. Ele estava de bruços no quintal dos McDermott.

Corremos até onde ele estava. Detergente verde vazava na grama de uma rachadura na embalagem plástica. Sangue vazava da nuca do Elgar. Uma haste dos óculos fundo de garrafa dele tinha saído da dobradiça e estava atrás da cabeça, no chão.

Mas a palavra *sangue* não me ocorreu imediatamente. No começo, o que vi na nuca dele era uma lambida de vaca, um tufo vermelho de cabelo que saiu do lugar. Depois o que vi era um pequeno jorro de água como a água que jorrava do bebedouro do lado de fora da sala da sra. Anderson, que era tão pequeno que os lábios encostavam na torneira quando você bebia.

Liam e Oskar correram em busca de ajuda.

Eu fiquei ali, o sol batendo no meu pescoço, meus olhos encarando Elgar enquanto ele sangrava. Seria errado dizer que eu queria machucar o Elgar. Mas agora que ele estava machucado, eu não queria ajudar. Sabia que *devia* querer ajudar; mas esse era um conhecimento desprovido de desejo, e que se manifestava na segunda e terceira pessoas — *Você devia querer ajudar*, ou *O garoto Wilderson devia querer ajudar*. Vozes que ficavam na escada dos fundos e um pouco à esquerda do que eu realmente sentia.

O minúsculo jorro de sangue saindo da carne macia na nuca cessou em segundos, mas fiquei ali esperando que o minúsculo

gêiser voltasse. *Elgar Davenport sangra. Se Elgar sangra, a mãe dele sangra*. Até aquele momento as pessoas à minha volta em Kenwood pareciam sem sangue e eternas.

(Três anos depois, na primavera de 1970, quando moramos em Berkeley, um Pantera Negra me deu *Os condenados da Terra* de Frantz Fanon em uma sessão de estudos que ele e mais uns alunos organizavam para garotos que estavam começando o ensino médio. Naquela noite li o que pude de “A respeito da violência”, em que Fanon escreveu sobre o momento em que o nativo da Argélia vê o colono francês sangrar, aquele momento em que o argelino “descobre que a pele do colono não tem mais valor do que a pele do nativo; e deve-se dizer que essa descoberta chacoalha o mundo de uma maneira muito necessária”, e pensei naquele dia com Elgar.)

Senti uma pontada entre as pernas. A mesma pontada de êxtase que senti na noite em que, meio dormindo e meio acordado, molhei a cama; o prazer do relaxamento que podia durar até que eu sentisse o lugar molhado.

Quando os paramédicos avaliaram o caso, um disse para o outro, “Caiu na moleira”.

“Explica o sangramento.” O parceiro dele concordou com a cabeça.

Contando até três, eles puseram Elgar na maca. Um deles disse que Elgar teve sorte porque a moleira dele não era mole como a de um bebê, ou o ferimento teria sido bem pior. Os olhos de Elgar estavam abertos, mas ele não disse nada. O primeiro paramédico balançou a cabeça.

“Qual é a probabilidade?”

“Uma em 1 milhão.”

“Nem isso.”

Quando vi a sra. Davenport implorando com os paramédicos para deixarem que ela fosse na ambulância, soube que meus pais iam me bater. Mas eles não me bateram. Eles estavam

atordoados demais, os braços moles e inúteis demais para erguer algo pesado como um cinto. Além de eu não apanhar, meus pais não me puniram. No outro dia eles continuavam abalados, mas não o suficiente para deixar de divergir como deviam explicar o ferimento do Elgar para mim.

Meu pai, que sabia latim e tinha ensinado leitura dinâmica para executivos para ganhar dinheiro enquanto terminava o doutorado, falou comigo como se eu fosse um aluno de mestrado.

“Um lugar no crânio onde a ossificação não é completa, Frankie, e as suturas naturais não se formaram.”

“O lugar macio na cabeça do bebê”, a minha mãe disse, suspirando.

“Falar gugu-dadá não vai melhorar o vocabulário dele, Ida-Lorraine”, meu pai disse, franzindo a testa.

Ela disse que nós teríamos que ir juntos à casa dos Davenport. Mas antes, ela queria que eu contasse o que tinha acontecido. Eles sentaram um ao lado do outro no sofá na sala. Fiquei de pé diante deles. Conteí tudo de novo. Como Elgar tinha sido capturado no Muro de Berlim. Como Elgar violou as regras quando saiu da guarita. Como eu me abaixei e peguei uma embalagem de detergente de louça.

“E eu joguei. Não joguei *nele*, mãe. Só joguei.”

Meu pai tinha parado de fumar cigarros anos antes. Ele estava tentando largar o cachimbo. O cachimbo estava apagado. Com a boca fechada em torno dele, meu pai roía suavemente a madeira. Ele me olhava como se eu fosse uma das crianças na ala psiquiátrica que chefiou por um tempo, numa mescla de admiração e horror.

“Vinte metros e você quebrou a moleira dele.” Meu pai quase sorriu. A voz dele estava estranha, como se falasse de alguém que tivesse quebrado um recorde de atletismo.

Olhei para minha mãe. “Não foi por querer, mãe.” Aí eu chorei.

Ela me abraçou. “Eu sei. Eu sei”, ela disse. “Você é um bom menino. Eu sei como você se sentiu mal.”

Quando ela disse isso, lembrei que os primeiros sentimentos que irromperam em mim não tinham a ver com remorso. Mas como eu podia contar isso a ela e continuar sendo “um bom menino”?

A minha mãe fez uma caçarola com carne moída e queijo extras.

Eu disse pra ela, “A sra. Davenport não serve comida pesada”. Eu disse três vezes; e a cada uma delas, minha mãe dizia, “É a intenção que conta”. Minha mãe disse isso sem me olhar. Em retrospectiva, fico pensando se “a intenção que conta” tinha mais a ver com a pergunta que a sra. Davenport fez para mim do que com o meu ataque ao filho dela; ou quem sabe as duas coisas estivessem inextricavelmente ligadas. Em vez de te dar um bofetão eu preparei uma comida que pode fazer você se engasgar. *Bon appétit!*

Minha mãe e eu descemos a colina para os Davenport. Elgar ainda estava em observação no hospital, mas a sra. Davenport disse que ele estava bem. Falei para o sr. e para a sra. Davenport o quanto lamentava, e era verdade. Mas havia outra verdade que não podia ser dita, nem mesmo para meus pais. Qual seria o resultado, eu me perguntava, desse duelo entre remorso e desejo no coração?

Sobrevivi ao ano seguinte, 1968, à base de citações de astros do cinema, romances de espionagem e, lá pelo fim de agosto, citações do presidente Mao. Um monge com contas de malaquita, eu me agarrava às palavras dos outros. Mas de minha travessia pouco graciosa por aquela escola de brancos, foi Stevenson ou Poe ou algum outro escritor de vinho-e-revólver que guardei na memória e levei para a minha mãe?

“Antes de morrer, um homem tem que escrever um livro, amar uma mulher e matar um homem.”

Ela me olhou como se eu fosse uma encomenda endereçada para os vizinhos.

“Você está falando isso pra eu te dizer o que isso significa?”, ela perguntou.

“Não. Estou dizendo porque é verdade.” Estávamos sozinhos. As janelas na sala estavam abertas. As cortinas tremulavam de leve, se recusando a dizer por que ela olhava para o outro lado.

Em 1968, algo se rompeu dentro de mim. Eu continuava deitando na escuridão da sala de estar ouvindo música, como no verão anterior, quando tinha onze anos. Mas os cantos gregorianos foram substituídos pela música e pela voz de Curtis Mayfield, me incitando a ser “um conquistador” da “boa terra negra”. Na primeira vez que escutei Curtis Mayfield cantar, “*No more tears do we cry/And we have finally dried our eyes*”, eu chorei. Achei que se ouvisse por tempo suficiente e com o empenho necessário, a voz de Curtis Mayfield ia sair, clara e feroz, da agulha do toca-discos, e me proteger contra um inferno que as pessoas diziam que eu era abençoado por habitar. (“Tem meninos no gueto que não têm uma vida tão boa.”)

No começo do ano, a Ofensiva do Tet sitiou nossa sala de estar. Pouco antes de meia-noite, ela crepitava com ruído branco enquanto meus pais, achando que estavam sozinhos, procuravam um sinal no rádio do aparelho de som. Às vezes eu me escondia na escada da frente e tentava ver os dois entre o madeirame da balaustrada. Muitas vezes eles sentavam no chão; eu via as suas pernas esticadas. Eu não ousava descer o último lance de escadas por medo de ser visto, e o patamar acima do primeiro lance era perto o suficiente para que eu escutasse o rádio e esperasse o nome do meu tio na lista dos mortos.

A música parou. O locutor anunciou que a estação em breve sairia do ar; mas antes, o boletim noturno do Vietnã.

“Um comboio da infantaria mecanizada da Segunda Brigada, da Quarta Divisão de Infantaria dos EUA, foi emboscado três quilômetros a noroeste de Plei Mrong na província de Kon Tum. Os elementos de segurança do comboio reagiram ao fogo do inimigo, e helicópteros do exército e a artilharia deram apoio à ação. Um helicóptero UH-1 foi atingido pelo fogo do inimigo e caiu no local, ferindo todas as cinco pessoas a bordo.”

Então veio a lista de nomes. A essa altura, o tilintar do gelo no copo de refrigerante da minha mãe parou. Pude sentir o meu pai ficar paralisado até os ossos. Eles não se moviam. Pareciam não respirar. A única coisa viva era o rádio.

“Terça-feira, vinte e nove de agosto.” O locutor pausou. Será que ele estava bebendo água? Será que a mão direita dele estava no microfone e a esquerda abafava uma tosse? “Duzentos e quarenta e dois homens em serviço morreram em combate nesta semana. Fechamos esta transmissão como fazemos todas as noites, com os nomes daqueles que tombaram hoje, seguidos de uma amostra das mensagens que nossos ouvintes deixaram na nossa secretária eletrônica. Os pontos de vista e opiniões não refletem os pontos de vista e opiniões da direção da WGBH, nem os pontos de vista e as opiniões das estações que retransmitem esse programa.

“Especialista William C. Gearing, vinte e dois anos, East Lansing, Michigan.

“Cabo Joseph L. Rhodes, vinte e dois anos, Memphis, Tennessee.

“Capitão Michael C. Volheim, vinte anos, Hayward, Califórnia.

“Soldado de primeira classe Craig E. Yates, dezoito anos, Sparta, Michigan.

“Soldado de primeira classe Ramon L. Vazquez, vinte e um anos, Puerto Nuevo, Porto Rico.

“Soldado de primeira classe Calvin R. Patrick, dezoito anos, Houston, Texas.”

Depois de o locutor ler os nomes, a voz dele continuou a seu modo de alcova, como se colocasse os soldados mortos na cama.

“Agora”, ele disse com uma voz calmante, “uma seleção de suas vozes feita pelo nosso estúdio”.

Um pequeno bipe, enquanto ele apertava um botão para tocar as mensagens da secretária eletrônica da emissora.

Uma mulher com um sotaque de uma cidade mineradora agradeceu a emissora por avisá-la da morte de seu filho dois dias antes de os Marines irem bater à porta de sua casa. Isso significou que ela não caiu dura no chão quando eles apareceram. Ela já tinha feito isso, em particular. A vizinha de rua dela desmoronou aos pés daqueles Marines na varanda dela. “É uma pena”, ela disse, “que eles não tenham permissão para te segurar ou para levantar você do chão. Muito obrigada por me pouparem dessa indignidade.”

Um sujeito de Tulia, no Texas, exigiu que a emissora parasse de ler os nomes no ar. “Vocês estão fortalecendo os manifestantes contrários à guerra, que são traidores desta nação.”

Uma garota de Seattle disse que duas noites antes ouviu o nome de uma pessoa que se formou no ano anterior na escola onde ela cursa o ensino médio. “Foi ele que fez o *touchdown* da vitória na festa da escola. A gente acha que devia cancelar a festa desse ano e em vez disso fazer uma vigília à luz de velas. Se tiverem conselhos, agradeço.”

Uma mulher de Ohio disse, “Sou uma mulher branca, mas sempre me pergunto quantos meninos negros do Sul têm seus nomes lidos por vocês toda noite. Por que eles morreram? Barracos improvisados, desnutrição, degradação e desemprego? Por favor, alguém me diga.”

Ouvi o tilintar do gelo no copo da minha mãe quando ela souou tomar mais um gole do refrigerante.

“Teu irmão está vivo”, ela disse de um jeito brando.

Meu pai disse, “Sim, mais um dia de vida”.

Ouvi os dois rezarem seus pais-nossos juntos, e soube que eles estavam de joelhos.

Um dos alunos do meu pai fugiu para o Canadá para escapar da convocação. Os canadenses o aceitaram, sem questionar nada. Fiquei me perguntando se eles me aceitariam, sem questionar nada, se eu fugisse da minha guerra em Kenwood.

Completei doze anos em abril, no mesmo dia em que o Congresso aprovou a Lei da Habitação Justa e sete dias depois do assassinato de Martin Luther King. Vi os tumultos na TV com a minha avó, uma católica de New Orleans que deu aulas para a segunda série e que, em certo momento, tocou piano com a Preservation Hall Jazz Band. A vó Jules adorava todo tipo de esporte. O marido dela, o 2-2 Jules (apelidado pela capacidade de derrotar um bateador toda vez que jogava numa situação com dois acertos e dois *strikes*) rejeitou um convite para jogar pela Liga Nacional dos Negros e trabalhou como porteiro e depois como rebocador quando chegou a Grande Depressão. Mas ele já tinha morrido em 1968. Quando ia para o Norte visitar a gente, a vó Jules passava tempo comigo e com o meu pai vendo beisebol, futebol americano e basquete, e jamais ia atrás de antiguidades com a minha mãe, filha dela. Ela adorava pé de porco em conserva e uma cerveja chamada Hamm’s, produzida do outro lado do rio em St. Paul.

O assassinato de Martin Luther King e a Ofensiva do Tet mudaram a relação da minha família com o rádio e a TV. Meus pais ouviam a lista noturna de baixas para saber se meu tio estava nela. A minha avó e eu assistíamos aos tumultos.

Uma noite, os pés dela levantaram da espreguiçadeira e ela quase derrubou a cerveja e os pés de porco da bandeja que usava para comer assistindo à TV. Enquanto eu estabilizava a mesa, ela riu como nunca tinha visto antes.

“Vai em frente, meu filho!”, ela disse.

Eu tinha ouvido ela dizer isso várias vezes, sempre que Tony Oliva dava uma boa rebatida ou quando Gale Sayers corria para um *touchdown*. Mas nem Oliva nem Sayers estavam na tela. A alegria dela me contagiou e também ri alto. Um nó se afrouxou no meu peito, um tumor fantasma que estava lá desde o primeiro ano. Estávamos assistindo aos tumultos, e o riso da minha avó fez a minha dor ir embora. Se eu tivesse dito que nos seis anos anteriores tinha odiado a imensa maioria dos alunos e metade dos professores da minha escola, estaria mentindo; nunca foi simples assim. Mas seria justo dizer que jamais fiquei à vontade na presença deles; e como o rosto deles estava comigo mesmo quando eu não estava com eles, também seria verdadeiro dizer que eu raramente, ou talvez nunca, ficava à vontade.

“Vai em frente, meu filho!”

Ela não estava falando comigo, falava com o sujeito na tela; mas, naquele momento, ela e eu éramos um triângulo com o sujeito na tela. E eu me senti amado.

Gostaria de dizer que a cidade na tela era Cleveland, mas podia ser Detroit; Washington, D.C.; Cincinnati; Chicago; Kansas City; Baltimore; Pittsburgh; Trenton, em Nova Jersey; ou Wilmington, no Delaware. Podia ser qualquer lugar, e todo lugar. Não havia incêndios visíveis, mas a fumaça subia de prédios em ruínas. Marcas de derrapagem eram como cicatrizes na rua no lugar em que um sujeito sem camisa com um trapo em volta do rosto andava com um carrinho de supermercado pelo bulevar. A vó Jules ria como se o peito dela estivesse cheio de gases. Eu soube naquele exato momento que o sacerdócio estava morto para mim. Quando crescesse eu ia ser um saqueador e deixaria minha vó orgulhosa.

Nosso alvoroço chamou a atenção dos desmancha-prazeres que eram donos da casa. Minha mãe desceu e disse

para a mãe dela não dizer aquelas coisas. Vi a silhueta da minha mãe na porta de correr da sala de estar, com as luzes da sala de jantar nas costas dela. Ela era graciosa mesmo parada. Ela e meu pai trabalharam como modelos em exposições de moda organizadas pelo Boulé e pelo Links, dois dos grupos negros de classe média a que eles pertenciam. Todo mundo ficava em silêncio quando os dois caminhavam pela passarela. Os amigos da minha mãe diziam que ela era parecida com a Donyale Luna, que arrebatou o mundo em 1966 ao se tornar a primeira negra a agraciar a capa da *Vogue*. E eu me esforçava para compreender como o sangue que havia na pele clara e no corpo esguio da minha mãe era o mesmo que corria nas veias da minha avó, que era baixa e escura, chupava ossos de vértebras e pisava com força no pedal do abafador quando tocava piano. Aos trinta e seis anos, minha mãe ficou no batente da porta, emoldurada por sua reprovação, e falou com sua mãe de sessenta e três anos como se suas idades fossem invertidas. Minha avó e eu olhamos para ela como duas crianças pegas fazendo arte.

“Não diga isso, mãe. Daqui a pouco ele vai falar isso na escola. Ele já é desobediente o bastante sem isso.”

Quando voltamos a olhar para a TV, o sujeito com a máscara, o trapo e o carrinho de supermercado tinham desaparecido. Minha mãe subiu a escada e voltamos às nossas palhaçadas.

“Por que estamos bravos?”, perguntei para a minha vó enquanto víamos as colunas de fumaça subindo das lajes.

“Porque a gente tá sem emprego?”, eu disse, dando uma risadinha e olhando com cuidado para as portas de correr em busca de sinais da minha mãe e da bronca que ela me dava pelo jeito de falar “tá”.

“Não”, minha avó respondeu, “não é por causa de empregos.”

“É por que a gente tá sem água quente?”

“Não é por causa da água, meu filho.”

“Por que a gente mora no gueto?”

“Frankie, *you are not in the ghetto*”, ela disse rindo, “e *you are brave*”. (Como ela sabia disso era um mistério, porque eu não me lembro de um dia ter lhe contado o que acontecia na escola.)

Então, como se tivéssemos combinado, dissemos juntos, “A gente está bravo com o mundo!”

Do alto da escada ouvimos, “Mãe, *please!*”

Seria forçado, porém, dizer que minha avó era afropessimista. Mas o afropessimismo não é uma igreja aonde você vai para rezar ou um partido em que você vota para estar no poder ou para ficar fora dele. O afropessimismo é o povo negro no seu auge. “Bravos com o mundo” é o povo negro no seu auge. O afropessimismo nos dá a liberdade de dizer em voz alta o que, de outro modo, iríamos sussurrar ou negar: que não há negros no mundo, mas que, pelo mesmo padrão, não há mundo sem os negros. A violência perpetrada contra nós não é uma forma de discriminação; é uma violência necessária; um tônico para todos que não são negros; um conjunto de rituais sádicos e de cativeiro que só poderia acontecer com pessoas não negras caso elas violassem esta ou aquela “lei”. Esse tipo de violência pode acontecer com um ser sentiente em duas circunstâncias: uma pessoa que violou a lei, o que significa dizer, fez o que não devia dadas as leis vigentes; ou a uma pessoa escravizada, o que equivale a dizer, não há pré-requisitos necessários para que aconteça um ato de brutalidade. Não existe antagonismo como o antagonismo entre o povo negro e o mundo. Esse antagonismo é a essência daquilo que Orlando Patterson chama de “morte social”, ou da “letalidade”, nas palavras de David Marriott.¹ É o conhecimento e a experiência dos acontecimentos do dia a dia, em que o mundo lhe diz que você é necessário, necessário como destino de sua agressividade e renovação.

O antagonismo entre o sujeito pós-colonial e o colonizador (o massacre de Sand Creek ou a Nakba palestina)* não pode — e não deve — servir de analogia para a violência da morte social: esta é a violência da escravidão, que não acabou em 1865 pela simples razão de que a escravidão não acabou em 1865. A escravidão é uma relação dinâmica — não um evento, e certamente não um lugar como o Sul; assim como o colonialismo é uma dinâmica relacional —, e essa dinâmica relacional pode continuar a existir depois que o colonizador partiu ou cedeu o poder governamental. E essas duas relações são asseguradas por estruturas de violência radicalmente diferentes. O afropessimismo oferece uma lente analítica que funciona como corretivo para as lógicas presumidas pelo humanismo. Ele oferece um aparato teórico que permite ao povo negro *not* ter de carregar o fardo do arдил da analogia — porque a analogia *mystifies*, mais do que esclarece, o sofrimento negro. A analogia *mystifies* o relacionamento dos povos negros com outros povos racializados. O afropessimismo trabalha para colocar em relevo essa *mystification* — sem temer as falhas e fissuras reveladas no processo.

A vó Jules se reviraria no túmulo se soubesse que eu penso nela como afropessimista. Ela era uma mulher católica que nunca deixava de se confessar. Mas depois de se aposentar, o discurso dela deixou de sofrer com o fardo da analogia, o que significa que ela se permitia dizer que não estávamos bravos pelos mesmos motivos que deixavam bravas as pessoas que sofriam com a opressão de classe, com a discriminação de gênero ou com a dominação colonial. A raiva deles tinha um fio terra interno ao mundo. Nós éramos o fio terra. Nós éramos os alvos da raiva que de outro modo teria se voltado contra si mesma. Os negros eram a contradistinção viva à própria vida. E quando ficávamos velhos demais (como no caso da vó Jules) ou éramos

* Ver nota da página 258.

novos demais (como eu) para saber o que a minha mãe sabia, nós recusávamos o ardil da analogia e deixávamos que nossa raiva falasse sua verdade: a vida humana depende da morte negra para existir e ser coerente. A negritude e a escravidão estão ligadas de maneira indissociável a tal ponto que, quando a escravidão pode ser separada da negritude, a negritude não pode existir senão como escravidão. Não existe mundo sem negros, mas não há negros no mundo. Você precisava ser jovem ou velho para que essa Eucaristia tocasse teus lábios.

Esse cisma não demorou para se colocar entre meus pais e eu. Sentia mais desprezo do que compaixão por eles. Minha mãe estava terminando o doutorado e, em algum momento durante esse período, trabalhou como administradora de escola pública para a prefeitura de Minneapolis. Meu pai era professor e tinha um cargo de direção na Universidade do Minnesota. Os dois eram psicólogos que, além de trabalhar como acadêmicos durante o dia, mantinham consultórios particulares; e eles se atiraram no sonho de Martin Luther King de igualdade racial e no sonho de Lyndon Johnson de uma Grande Sociedade. Isso significava que eles emprestaram suas habilidades para solicitar financiamentos para iniciativas populares, e que eles eram anfitriões de infinitas reuniões sociais e políticas em nossa grande sala de estar, onde gente de todo tipo, que se não fosse por isso talvez não se conhecesse (administradores da universidade, empresários liberais, planejadores urbanos, ativistas e estudantes), se reunia para fundar centros de treinamento profissional na comunidade negra, divulgar programas para nativos americanos, programas de saúde mental para pessoas sem recursos.

Em 1968, o ano em que a Lei da Habitação Justa foi aprovada, meus pais foram de porta em porta em Kenwood entregando panfletos que explicavam a lei de um modo que, eles esperavam, não seria ameaçador e incentivaria as mesmas pessoas que haviam se esforçado tanto para mantê-los longe de

Kenwood a acolher uma ou duas outras famílias de negros de braços abertos. Eles fizeram várias oficinas de Habitação Justa nas casas de moradores ricos da região e pediram que eles colocassem as placas de madeira dizendo HABITAÇÃO JUSTA em seus gramados. Logo ficou claro que o perfil demográfico das pessoas que participavam dessas oficinas eram mulheres brancas cujos maridos estavam no trabalho. As donas de casa adoravam o meu pai e toleravam a minha mãe, embora os dois fossem bonitos. Meu pai tinha mais de 1,80 metros de altura. Em saquões de mármore, ele tirava seu longo casaco de couro por baixo do qual usava camisas com abotoaduras e ternos que pareciam feitos sob medida. Ele olhava nos olhos das pessoas enquanto falava, e elas sorriam para ele e assentiam com a cabeça como suplicantes. Quando chegava a vez de a minha mãe falar, a atenção deles diminuía, e o tilintar de xícaras demitasse e pires salpicavam o ar.

Minha mãe tentou se atirar de cabeça na época. Pensando nisso, comprou uma peruca afro e a usou. Ao final de cada oficina, era hora da grande pergunta: “Quem aqui gostaria de ficar com uma das placas de HABITAÇÃO JUSTA que temos no carro para colocar no gramado de casa?”. Uma mulher ergueu a mão. Deixando de lado a questão que havia sido colocada, ela perguntou a meu pai se ele já tinha trabalhado como modelo. Caso contrário, ela continuou, ela conhecia uma pessoa que conhecia alguém que era dono de uma agência de modelos.

Com um sorriso amarelo, minha mãe tentou levar a conversa de volta para a habitação justa. Outra mulher ergueu a mão para concordar que meu pai seria um lindo modelo. Então, outra ergueu a mão para acrescentar que por mais que *ela* quisesse colocar uma placa no gramado, o marido não aprovaria. Minha mãe saiu da sala. Deixando de lado a sugestão do trabalho como modelo, meu pai disse a elas que ele e minha mãe ficariam felizes de voltar à casa de qualquer pessoa

ali para uma conversa individual com os maridos. Minha mãe ficou observando do saguão, sentada no primeiro degrau da escadaria. Ela tirou a peruca afro da cabeça e a colocou no degrau ao seu lado.

5

O ano de 1968 também foi o momento em que o Movimento Indígena Americano foi fundado no sul de Minneapolis, a apenas cinco quilômetros de Kenwood. Da noite para o dia, questões relativas à soberania dos nativos americanos e às demandas do movimento passaram a ser parte da paisagem da Universidade do Minnesota. Meu pai era o responsável por um programa em uma reserva a vários quilômetros da cidade; era um programa conjunto com o governo tribal. As reuniões do conselho eram realizadas com indígenas urbanos, líderes tribais da reserva e meu pai, no sul de Minneapolis. Assim como nas oficinas da habitação justa, meus pais me deixavam ir assistir às reuniões. Imediatamente, ficou claro que as pessoas da reserva não queriam aderir a algumas das exigências da Universidade do Minnesota, que financiava o projeto. Politicamente, eu achava que os interesses institucionais do meu pai eram equivocados, e que os interesses dos povos indígenas estavam certos. Achava que a universidade devia entregar seus recursos para os nativos americanos sem insistir que eles prestassem contas do uso do dinheiro.

A sala estava cheia. Todas as vinte cadeiras da grande sala de reuniões estavam tomadas. Mais quinze ou vinte nativos americanos estavam de pé encostados na parede e sentados nos grandes parapeitos das janelas. Meu pai era alvo de escárnios e zombarias sempre que tentava falar, mas nunca zombava como resposta. Havia uma carga afetiva na sala que tinha mais a ver com o fato de meu pai ser negro do que com o fato de ele

ser um representante da universidade. A certa altura, um nativo com quem eu compartilhava um parapeito, se adiantou.

“Não queremos você, um *crioulo*, dizendo o que a gente deve fazer!” As paredes lotadas explodiram com aplausos.

O que eu não conseguia ver na época, e que não tinha interesse em ver na época, era que as ricas donas de casa brancas nas oficinas da habitação justa compartilhavam do mesmo espaço psíquico dos indígenas das regiões abandonadas do sul de Minneapolis, embora as mulheres que frequentavam as oficinas dos meus pais morassem em uma parte da cidade tão apartada das ruas onde o Movimento Indígena Americano foi criado quanto a Atlantis estava de Marte. Claro, o mito do Destino Manifesto, do qual essas mulheres eram desmadas desde a infância, estava inextricavelmente associado à quase-aniquilação da vida indígena. Seria errado dizer que as mulheres brancas de Kenwood e o indígena sentado no parapeito a meu lado, que chamou meu pai de “crioulo”, rezavam na mesma igreja. Mas em última instância, os mundos de ambos eram sustentados por uma necessidade de se distinguir da mesma encarnação do diferente. Nas salas de estar luxuosas de Kenwood, as mulheres alimentavam sua negrofilia com a carne do meu pai, e deixavam minha mãe de lado. Na sala de reuniões tribal, os indígenas não tinham utilidade para nenhum dos meus pais: *Sejamos brancos e ricos ou vermelhos e pobres, não queremos um crioulo dizendo o que devemos fazer*. As mulheres brancas expressavam sua recusa em ser autorizadas pela negritude por meio de sua inconsciente negrofilia (“O senhor já foi modelo, professor Wilderson?”), associada a uma necessidade de remover minha mãe da cena de sua fantasia. Os nativos americanos expressavam sua recusa por meio de sua inconsciente negrofobia (“Não queremos você, um *crioulo*, dizendo o que a gente deve fazer!”). Tanto no caso dos brancos como no dos indígenas, o afeto falava com uma só voz: um coro de

economia libidinal. No inconsciente coletivo da imaginação indígena, o espectro da negritude era uma ameaça maior do que a instituição colonizadora que havia despachado um professor negro para fazer seu trabalho sujo.

Meu pai olhou para cima de onde estava, na mesa. Ele manteve contato visual com o nativo sentado a meu lado enquanto a sala explodia em seus ouvidos, mas não demonstrou raiva; e a dor só apareceu nos olhos dele depois que eles encontraram os meus, com a aprovação pelas vozes que zombavam dele. Um pai encarou os olhos irônicos do filho. Eu sentia prazer na dor dele, porque a ruína dele me tornava parte de uma comunidade. Ao zombar desse “crioulo” eu estava em comunhão com o “nós”.

Mais tarde, meu pai e eu ficamos sentados no carro por vários minutos. A chave estava na ignição, sem girar. Ele não falou comigo. Meu pai jamais demonstrou raiva ou dor em público, e eu agora era tão parte do público quanto os indígenas que o expulsaram da sala. Dava para ver a expansão e a contração do peito dele. Ele exalou longa e lentamente.

“Por que não dar simplesmente o que eles querem? A terra é deles. O dinheiro é deles”, eu disse.

Ele suspirou. Deu a partida. Engatou a marcha. Eu era novo demais para saber como a antinegritude move a busca pela soberania tanto quanto o desejo para se ver livre do colonizador. E ele estava entorpecido demais para explicar. Os nativos americanos falavam como soberanos para alguém que não tinha soberania. O problema essencial não está no termo que eles usaram para se referir a meu pai, ou seja, o problema essencial não está na representação de seus sentimentos antagônicos, mas na *estrutura* de uma relação antagônica entre o povo indígena com algo de selvagem e uma pessoa negra sem nada a perder.

Meus pais carregavam sua raiva como frascos de nitroglicerina embalados em palha. Ao contrário de mim, eles conheciam

os efeitos colaterais da raiva negra. Meus pais sabiam, e ensinavam às pessoas que eram baleadas e aos estudantes que fugiam para o Canadá para escapar da convocação para as Forças Armadas. E sabiam que eles próprios eram observados pelo FBI. Eu, sem saber nada da bigorna que pesava sobre eles, achava que eles eram simplesmente uns vendidos. Achava que seguravam a língua quando seus colegas brancos faziam comentários racistas porque eles não se importavam com a revolução que estava descontrolada à volta deles. Lentamente, depois de anos às turras com eles, a visão que eu tinha dos meus pais mudou quando entrei para a academia e fui atingido, em primeira mão, por aquilo que Jared Sexton chama de “estrutura oculta da violência que subscreve tantos atos de violência, sejam eles espetaculares ou banais”.²

A dissimulação tinha sido uma ferramenta de sobrevivência, um implemento que eles usavam para se manter vivos e colocar comida à mesa. Eles sabiam que intelectuais negros só podiam forçar os limites até o ponto considerado aceitável por seus interlocutores não negros. Também sabiam que precisavam conhecer os limites do que seus colegas e interlocutores brancos eram capazes de assimilar, especialmente caso esses interlocutores não soubessem qual era seu próprio ponto de ruptura. Meus pais precisavam saber por eles. “Imagine o negro que o branco quer que você seja [...] e seja esse negro (ou, pelo menos, finja ser)”, David Marriott escreve em seu tratado sobre o linchamento. “Nossa consciência [...] faz esse trabalho de adivinhação, de ousar e ousar mais. Não há lugar aqui para aquilo que o negro quer, ou para um inconsciente negro movido por seu próprio desejo e por sua agressão.”³

Vi o mundo colocar o desejo de meus pais em confinamento, ao mesmo tempo em que me maravilhava com minha avó e a conversa de alguém que havia fugido dessa cadeia. O desejo negro é um crime de fuga. Os Estados Unidos já não

precisavam de minha avó como estímulo, como confirmação, como uma mulher em quem colocar a culpa à medida que a nação se descostura — do modo como ainda precisavam de minha mãe. “Sou uma mulher marcada”, Hortense Spillers escreve, “mas nem todo mundo sabe meu nome. ‘Querida’ e ‘Moreninha’, ‘Minha flor’ e ‘Pérola Negra’, ‘Tia’, ‘Vovó’, ‘Radical’, ‘Primeiro as Mulheres de Ébano’, ou ‘A Moça Negra no Palco’: eu descrevo um locus de identidades confundidas, um local de encontro de posses e privações no tesouro nacional das riquezas retóricas. Meu país precisa de mim e caso eu não estivesse lá, teria de ser inventada.”⁴

Os Estados Unidos já não precisavam da minha avó como sua invenção. Ela estava livre para reagir e para matá-los, desde que fizesse isso em seus sonhos, ou quando estava comigo, assistindo aos tumultos de 1968. Mas os Estados Unidos ainda tinham planos para minha mãe, uma mulher negra de trinta e seis anos de idade em seu auge. Apenas três anos antes, em 1965, Daniel Moynihan tinha definido a imagem da minha mãe como a fonte da veia destrutiva da “cultura do gueto” e da família negra.⁵ Ela não entrava em uma sala como uma mulher com um doutorado. Entrava como a principal razão para que os homens se sentissem castrados; como um entrave, maior do que a antinegritude, para o sonho do homem negro de um horizonte distante. Minhas explosões de alegria com a visão de um saqueador só confirmariam o que o mundo já sabia sobre ela. Para Moynihan, eu era um monstro fabricado pela minha mãe.

6

Fomos para Seattle naquele verão, um verão sabático para o meu pai, um verão de pesquisa para a minha mãe. Não se passou um dia sem que eu fosse intratável. Quando um bispo foi

à aula de catequese numa noite fria de quarta-feira e pediu que o grupo de meninos e meninas de doze e treze anos usasse a mesada daquela semana para doar para sua missão na África, levantei a mão. Assim como nas aulas de catequese em Minneapolis, eu era o único rosto negro na sala. A irmã Mary Alvin ficou radiante. O bispo fez um gesto com a cabeça de pio encorajamento. Um aceno que eu conhecia bem demais depois de seis anos em uma escola fundamental em Minneapolis: Olhe, o menino negro vai falar. Veja como ele foi educadinho erguendo a mão.

“Os africanos pediram para o senhor ir lá?”, eu disse.

O bispo olhou para a irmã Mary Alvin. Depois olhou para mim.

“O Espírito Santo não precisa de convite. É claro que a pessoa precisa se arrepender e ser batizada.”

Eu disse ao bispo que usaria meus trinta e cinco centavos para comprar uma barra de Snickers. Ele podia ficar com minha mesada na outra semana se fosse para a África e voltasse com uma carta dos africanos dizendo que queriam ele por lá.

A história chegou antes de mim em casa, onde uma surra estava à minha espera.

Ficou nítido para todo mundo que eu era bom em esportes, e meus pais devem ter pensado que o simples exercício de jogar futebol americano e beisebol ia fazer eu suar até a grosseria sair pelos poros. A caminho da Universidade de Washington, minha mãe me deixava em um centro comunitário. Estava mais para clube de meninos. Eu não me lembro de minha irmãzinha ir comigo, nem vejo nenhuma menina na minha memória quando me lembro daqueles dias. Só posso presumir que ela e meu pai acharam que ia me fazer bem ter por perto aquilo que eu nunca tinha tido por perto na minha vizinhança, um grupo de homens negros (meninos, na verdade,

mas a não ser que você estivesse apaixonado pelo seu dentista, você não ia chamar ninguém ali de menino). Foi ali que me aproximei de algo que só tinha visto na TV com a minha avó. Não só passei a entender que “intratável” não era uma deficiência de personalidade minha e exclusivamente minha, que aquilo era uma herança comunitária, assim como a raiva, e o riso forte dirigido a todas as coisas que deixavam a maior parte dos brancos triste; mas também fiquei sabendo sobre os Panteras Negras nesse “clube de meninos”. Ouvi em aceleração máxima as palavras que estavam na minha cabeça como desejos sem palavras, como “Eu vou encher esse lombriga de porrada!”.

Da primeira vez que ouvi essas palavras no centro comunitário de Seattle, ri alto. Como uma palavra podia causar tanta alegria? *Lombriga!* Aquilo me fez rir por dias. “*Eu vou encher esse lombriga de porrada!*” Eu sabia que meus pais não achariam graça se me ouvissem falar isso; me ouvir falando que eu estava prestes a *encher um lombriga de porrada* não era o que eles tinham em mente quando decidiram que Seattle seria o lugar onde eu ia encontrar homens negros que serviriam de modelo para mim. Eu era esperto o bastante para saber que aquela frase podia me fazer passar o resto do nosso verão em Seattle num centro comunitário para brancos. Mas eu não conseguia evitar. Desde o “Vai em frente, meu filho!” da minha avó eu não me sentia tão inspirado por palavras!

Eu ia para o lugar mais distante do nosso quintal para ouvir todos os modos diferentes como eu podia fazer aquelas palavras cantarem. Eu cantava aquela frase num tom grave e feliz, com a voz de barítono de Barry White. Cantava como Aretha insistindo em R-E-S-P-E-C-T. Cantava em falseto como Eddie Kendricks quebrando vidro com sua voz. Sozinho no quintal, ficava de frente para uma árvore e avisava, “Ser grande não significa nada, eu vou encher esse lombriga de porrada”.

Minha mãe foi até a varanda dos fundos. Não sei há quanto tempo ela estava ali. Ela só ouviu o som da minha risada. Só viu que eu estava conversando com uma árvore. Em sua voz de sanidade mental, ela me perguntou se estava tudo bem. Ah, sim, tudo maravilha, eu disse. (*Vou dar uma surra nesse lombrinha em forma de árvore, só isso.*) E eu tive que me controlar pra não cair na gargalhada. Feliz de te ver sorrindo, filho, ela disse antes de voltar para dentro.

Tinha um “lombriga” que não era árvore. Ele administrava o centro comunitário majoritariamente negro de Seattle. O nome dele era Reg, mas a gente raramente chamava o sujeito pelo nome (exceto quando ele estava por perto), o que fazia todo o sentido porque não estávamos falando com o nome dele. O Reg tinha a aura de um policial barbado e grande, mas em forma, que vi muitas vezes quando morei mais tarde na África do Sul; um sujeito que ia a botecos negros em Soweto e pedia cervejas africanas. Ele tinha torturado alguns daqueles caras e, depois que tudo acabou, pediu para eles virarem a carne na grelha do churrasco. Ele sentava na mesa de plástico com eles para mostrar que não havia nada pessoal no modo como torturou aqueles caras. O Reg punha o queixo para cima quando falava — fosse para elogiar os mais novos como eu ou para advertir os mais velhos. Estivesse em movimento ou parado, ele disparava respirações curtas, instintivas, entre as palavras. Andava apressado saindo do parquinho, passando pelo estacionamento e pela academia, com o sangue-frio de um homem que governa.

Começou uma briga no estacionamento debaixo de um céu sem nuvens. Eu estava dentro do centro comunitário jogando queimada quando alguém gritou, “A merda tá rolando solta!”. Qual era a merda e por que ela estava rolando? Todo mundo que correu para a porta parecia saber. Eu era o único que não tinha a menor ideia. Eu sabia — *todo mundo* sabia — mais ou menos dos contornos de por que aquilo tinha acontecido.

O mundo inteiro do centro comunitário revolvía em torno das regras do Reg. O Reg decidia quem podia pegar as bolas de basquete e quem não podia. O Reg definia as atividades da semana. O Reg fazia uma anotação ao lado do teu nome se você fizesse algo que não devia ou simplesmente falasse alto demais. Três anotações e você não podia voltar por uma semana. Ele tinha dado a terceira anotação para o Luke, um menino de dezessete anos. Reg queria que o Luke saísse do centro comunitário. Até aí eu sabia porque estava lá dentro quando Reg deu a terceira anotação para o Luke. Luke se deixou ser levado até o estacionamento. Mas parou, como se tivesse mudado de ideia, e virou para entrar de novo. A mão do Reg estava no ombro do Luke, conduzindo-o para fora. Uma multidão começou a se juntar em volta dos dois. Abri caminho como um peixe pequeno em meio ao amontoado de homens-crianças que queriam ver o Luke dar porrada por eles.

“Encosta em mim de novo”, ouvi Luke dizer.

Luke e Reg se encaravam de frente. Eu olhava perplexo enquanto o Reg se aproximava lentamente. O Reg era um homem de no mínimo vinte e cinco anos e parecia ter levantado pesos, enquanto o Luke tinha o corpo de um pivô pequeno de um time de ensino médio.

O Reg disse, “As regras valem para todo mundo, inclusive pra mim”.

Ao que Luke respondeu, “Encosta em mim de novo, vai”.

O Luke colocou a mão no bolso. A expressão de Reg indicava que ele sabia exatamente o que ia acontecer caso a mão do Luke reaparecesse e o quanto esse resultado era desejado não só pelo Luke como por todos os meninos em volta. E Reg parecia saber que sua coragem desesperada seria devorada se ele fizesse um movimento em falso. Reg encarou a gente por um momento e nunca vi ele chegar tão perto de chorar ou de pedir desculpas.

Eu sabia o quanto eu era baixinho comparado com os outros, a maioria deles, adolescentes de verdade, sendo mais velhos do que eu. Eu tinha que olhar para cima para ver quem estava falando quando alguém xingava o Reg ou dizia pro Luke partir pra cima. Pássaros metralhavam o sol como um punho de pimenta no último olho bom de Deus. Parecia que o Luke estava coçando a coxa por dentro do bolso da calça. A voz do Reg estava embargando, mas ele não conseguia parar de recitar as regras. Eu ouvi o clique da navalha de Luke antes de ver seu brilho duro e direto.

Minha mãe brincava que na parte de New Orleans onde ela cresceu você podia ser esfaqueado por causa de um pão com pasta de amendoim. Embora risse ao contar isso, o brilho nos olhos dela (e o “*com certeza*” do meu pai) me convenciam de que ela sabia o que estava falando. Eu, no entanto, nunca tinha visto alguém ser esfaqueado, nunca tinha visto alguém tirar sangue de outra pessoa por querer. (O sangue que eu tirei do Elgar Davenport foi resultado da ausência de vento e da atração da Terra, não da força das minhas intenções. A intenção clara da navalha do Luke mal lembrava a parábola casual de uma embalagem de detergente que desenhou um arco e caiu e rachou a cabeça do Elgar.)

“Já disse, encosta em mim de novo.”

Alguém atrás de mim disse, “Sangra o cara”.

Depois alguém à minha esquerda disse, “Sangra o cara”.

Depois uma terceira voz cantou aquilo como se fosse um hino.

Reg sacudiu a cabeça, mais numa oração, parecia, do que num desafio. Ele olhou para cima, mas as nuvens tinham corrido para se esconder.

Ouvi a voz de uma mulher.

“Não! Não! Você não quer fazer isso!” Eu conhecia aquela voz. Às vezes, na igreja, se eu fechasse os olhos, ela tecia a rica

urdidura dos cantos gregorianos e me alcançava no banco em que eu estava. Minha mãe tinha aberto caminho até a frente, empurrando todos nós para o lado como o vento empurra o mato alto.

“Nenhum de vocês quer fazer isso”, continuava repetindo.

Ela se colocou entre o Reg e o Luke. Quer dizer, entre o Reg e a navalha do Luke.

Alguém na multidão disse, “Quem é essa mulher?”. E, antes que eu pudesse escapular de volta para o centro, uma outra voz disse, “Ah, é a mãe do Tampinha”.

Ela disse para o Luke levar todo mundo pra dentro. Fiquei perplexo de ver que ele fechou a navalha e obedeceu. Aquela não foi a pior parte. A pior parte foi que ela *me fez* esperar com o lombriça no estacionamento enquanto entrava para falar com o Luke. Quando saiu, ela disse uma só palavra: “Venha”.

Ela pôs o Reg no banco da frente do carro dela e me fez sentar no banco de trás. Enquanto o carro se afastava, a bochecha de Reg se contraía. O suor colava a franja dele na testa. Minha mãe perguntou em que rua ele morava e ele disse. Depois disso, ninguém falou. Deixamos ele em casa e saímos sem que eu tivesse permissão para passar para o banco da frente.

Desprezei minha mãe pelo resto do verão; e desprezei meu pai ainda mais por dizer que ela fez a coisa certa. Agora sei que ela tentou menos salvar o Reg, e mais nos salvar do breve futuro que nos esperaria se o Reg sangrasse.

Assim como ela, nós tínhamos uma vida inteira de encarceramento pela frente.

Capítulo três

Hattie McDaniel está morta

I

Essa é uma história que nunca contei antes. Nem para o meu irmão nem para as minhas irmãs. Nem mesmo para as mulheres com quem morei e casei. Quase quarenta anos se passaram antes que eu conseguisse dizer o que aconteceu com Stella, com a filha dela, Malika, e comigo.

Entrar nesse assunto, sempre pensei, só me causaria constrangimento, uma súbita necessidade de estar em outro lugar, que é a resposta natural a uma confissão. Mesmo agora, admito, a história me deixa inquieto; viver com a culpa de querer deixar tudo para trás quando achei que podia morrer. Por anos tive de viver com isso, sentir essa vergonha, tentar mantê-la longe de mim. Houve momentos em que tentei escrever sobre isso na esperança de que, por meio desse ato de memória, de colocar os acontecimentos no papel, pudesse aliviar a pressão na minha consciência.

A coragem, eu parecia pensar, vem aos revolucionários em quantidades finitas, como uma herança que você guarda, deixa render juros, e saca quando chega a hora de acertar as contas. Era uma teoria reconfortante. Oferecia esperança e graça a um tolo.

Acreditava que quando chegasse a hora do confronto eu enfrentaria o Homem como a soldada Assata Shakur do Exército